

Entrevista ao sujeito C – 17 de Junho de 2010 – 17,30 horas

Local: Sociedade Euterpe Alhandrense

Investigadora (I) – Quando lhe liguei da primeira vez penso que já lhe tinha explicado que o estudo que estou a fazer tem a ver com as formas como os adultos adquirem e desenvolvem competências ao longo da vida. Concretamente o que, neste caso, me interessa estudar é como é que essas aquisições são feitas em contextos informais, ou seja, ao longo da vida como é que os adultos vão adquirindo competências. Em primeiro lugar, uma vez que estão explicados os objectivos da entrevista, quero garantir-lhe o anonimato e a confidencialidade. Tudo o que a (nome) aqui disser não vou revelar a ninguém. A outra questão tem a ver com a autorização para fazer a gravação da entrevista.

Sujeito C – Está bem.

I - Então, tendo em conta o seu percurso e o que foi aprendendo ao longo da vida, a primeira questão tem a ver com a importância da leitura para si. Se quiser até pode destacar livros e autores que considere que são importantes.

C – Livros importantes... A importância da leitura para mim...

I – Sim, livros e autores...

C – Leio mais revistas. Não tenho muito o hábito de ler livros, infelizmente. Há pouco tempo estive a ler um livro de Gonçalo Amaral, A Verdade da mentira, porque tinha lá em casa. Normalmente não compro livros e, ao ler aquele livro, tive vontade de começar a comprar mais e a ler mais, mas ainda não ganhei aquela força, até porque isso implica alguns gastos e acabo por pôr isso sempre um bocado no fim. Todos os dias, leio revistas e jornais, são aqueles que costumam estar nos cafés. Costumo frequentar o café à noite e leio. Livros que eu tenha lido mais... Li o Segredo de ...

I – de Patrick Suskind

C – Sim. Foi quando se começou a falar nisso

I – O livro já tem mais tempo do que isso.

C - Mais livros que eu tenha lido... Li outro de um autor muito conhecido... de romances... como é que ele se chama...

I – Português ou estrangeiro?

C – Estrangeiro...Não me recordo...

I – Depois se a Paula se lembrar diz. Não tem qualquer problema. E em relação às funções que exerce presentemente na Câmara, que documentos lê?

C – Os documentos que tenho de ler são requerimentos que dão entrada na Câmara, informações dos técnicos para ser oficiado às várias entidades a que se destinam. Tenho de fazer ofícios muitas vezes a solicitar parecer a várias entidades, que envio por fax, e preencho fichas de recepção.

I – Para preparar a entrevista, estive a ver de novo a autobiografia que escreveu para o processo e pareceu-me que valores como a justiça, a tolerância são importantes para si, pareceram-me importantes. A

pergunta que lhe faço é como é que os prendeu e de que forma é que vê estes valores? O que representam para si?

C – O que representa para mim ser tolerante? Sim, valores como a justiça, a tolerância, a igualdade...

I – Sim, valores como a tolerância e a igualdade.

C – A igualdade... Nós somos todos seres humanos e devemos todos ser tratados da mesma forma. Poucas vezes, tento ser... como é que hei-de dizer... Tento ser racional e pôr as coisas na mesma balança. Há situações ... como é que hei-de dizer ... em que sou mais fria ou sai-me uma linguagem que não é adequada, que eu sei que não é adequada, mas ... depois, passado algum tempo, penso nisso e tento perceber que não somos todos iguais e não podemos dar o mesmo valor seja de que etnia for...

I – A (nome) também fala na questão das etnias a propósito de ...

C – Sim, justiça...

I – Foram a justiça, a igualdade e a tolerância foram esses alguns dos valores que destaquei.

C – Igualdade foi o já falei. Tolerância... à partida, penso que sou uma pessoa tolerante. Aprendi isso mais com a minha família, acho que sempre me transmitiram esses valores. Para ser tolerante, para ouvir o que a outra pessoa tem a dizer e para respeitar as opiniões. O que posso dizer mais...

I – Também a questão da justiça...

C – A justiça... eu ser uma pessoa justa, é por aí?

I – De que forma encara a justiça e como aprendeu a lidar com essas questões ligadas à justiça?

C – Como é que aprendi? Parte um bocado da educação que a pessoa leva e querer que os outros sejam justos comigo e, então, adquiri essa postura e eu tento ser mais justa, uma pessoa mais justa possível. Essencialmente é isso. Com as minhas irmãs... Se calhar há uma proximidade mais de idades... com as minhas irmãs mais velhas.

I – São um bocadinho mais velhas?

C – Sim, são um bocadinho mais velhas, se calhar ...oito anos e transmitiram-me mais elas, porque a minha mãe era um bocado mais ausente, mas também me transmitiu muitas coisas, mas elas estavam mais presentes e foi mais isso. Eu acho que a justiça é uma coisa importante. Não sei se estamos a falar de eu ser uma pessoa justa ou de justiça...

I - Pode falar da forma que entender, do conceito ou então, na sua perspectiva, o que é ser uma pessoa justa?

C – Eu acho que é tentar avaliar o que os outros me dizem e ver se sou razoável...

I – Terá a ver também com equilíbrio?

C – Sim, eu acho que tem. Às vezes acho que sou um bocado desequilibrada... algumas vezes na vida não fui a pessoa justa que devia ter sido, mas acho que toda a gente erra e com os erros vamos aprendendo melhor e a sermos pessoas mais justas.

I – Em que situação particular é que acha que não foi justa?

C – Uma situação particular...

I – Se se lembrar...

C – Tive uma situação de trabalho, com uma colega, em que eu achava que ela não estava a ser justa comigo. Por exemplo, quando havia muito trabalho a fazer e ela passava parte do tempo ao telefone e eu o que fiz foi queixar-me ao meu chefe desta situação. Depois o meu chefe não teve a postura melhor que foi abordar ou ... devia tentar melhorar as coisas, sem tentar dar a perceber que eu tinha feito esse tipo de coisas e ele fez a abordagem da forma contrária. Deu a entender que tinha sido eu que tinha ido dizer aquelas coisas e, então, tive problemas com a colega em relação a isso. Ela achou que eu fui injusta, que lhe devia ter dito falar primeiro a ela. Concordei com ela, mas só depois de cometer o erro é que percebi que eu devia realmente devia ter falado primeiro com ela, mas, não sei até que ponto é que, se eu fosse falar primeiro com ela, se ela ia entender aquilo que eu lhe estava a dizer. Achei que não fui muito justa porque devia ter ido falar primeiro com ela e, ao mesmo tempo, também tenho outra opinião que, se calhar, eu fosse falar não ia entender, ia negar tudo o que eu estava a dizer...

I – E em relação ao 25 de Abril, por exemplo, que foi uma situação que até desenvolveu bastante na sua autobiografia. Tudo aquilo que sabe acerca do 25 de Abril onde é que acha que aprendeu?

C – (Risos) Foi na escola, foi se calhar a ouvir o meu tio a falar muito nisso. O meu tio sempre foi uma pessoa muito presente em casa e muito ligado à política, interessa-se por situações políticas e fui um bocado influenciada por parte dele e pesquisa que também possa ter feito nessa fase, quando estava a fazer o portefólio.

I – Há uma série de conhecimentos que transmite na sua autobiografia, por exemplo, relacionados com o facto de ter uma alimentação saudável e de praticar exercício físico porque isso se reflecte na nossa saúde. Como é que adquiriu esses conhecimentos?

C – A alimentação saudável? Em parte foi com a família. Desde pequena que fiz exercício físico e acho que me deu um bocado de aprendizagem, em relação aos professores que me davam essa ginástica... a fazer uma alimentação correcta. Em casa, normalmente, fazemos uma boa alimentação, não comemos aquelas comidas a que as pessoas chamam “fast food” todos os dias, talvez uma vez por mês, ou duas, mas de resto em casa e penso que na ginástica foi onde adquiri mais esses conhecimentos.

I – A propósito de conhecimentos ainda a questão de saber gerir o orçamento. Quando começou a trabalhar, como é que foi acontecendo essa questão de ir gerindo o orçamento?

C – Acho que foi uma situação um pouco complicada, no início, porque nunca me tinha visto com tanto ... na altura, para mim era tanto, era muito dinheiro. Acabei por não saber geri-lo muito bem e gastá-lo no que não era de primeiro necessidade. Até porque não tinha responsabilidades e podia gastar o dinheiro. Fui adquirindo com o passar dos anos, começando a ter responsabilidades, por exemplo, comprei o carro. Sabia que tinha que gerir o dinheiro de forma a que a mensalidade saísse para o carro, tinha que pôr gasolina no carro, logo era mais uma despesa que acrescia, depois eram as saídas. Com o passar dos anos foi-me surgindo novas... Por exemplo, aqui há um ano e qualquer coisa, comprei uma casa...

I – Ah, já aconteceu a compra da casa...

C – Comprei uma casa, logo o orçamento tem de ser gerido de outra forma, há mais uma despesa. Tenho a noção que, quando for viver para lá, o que não deve faltar muito, logo o orçamento vai ter que ser gerido de outra forma, porque há mais uma despesa e tenho noção que... para já é o meu orçamento e o do meu namorado e temos que gerir a alimentação, água, luz, gás, essas despesas todas e tentar conseguir que algum desse dinheiro também vá para uma poupança, nem que seja para fazer uma viagem por ano.

I – Então e em relação a equipamentos? Na autobiografia, também fala de uma máquina fotográfica que lhe agradou muito e que começou a utilizar muito cedo e depois a máquina digital. Essas aprendizagens todas como é que surgiram?

C – A máquina?

I – Sim...

C – Eu acho que essa máquina de que falei era da minha irmã, na altura...

I – Era.

C – A primeira... como é surgiu a aprendizagem de mexer na máquina?

I – Sim, saber utilizá-la.

C – Foi a minha irmã que me deu algumas indicações e eu também fui lendo o manual da máquina e tirando algumas referências para poder utilizá-la.

I – E habitualmente utiliza o manual de instruções? Gosta de o ler e de o explorar?

C – Eu penso que, desde o momento, que eu saiba trabalhar com o material, ponho um bocado o manual de parte, mas inicialmente leio as partes que ... para a pôr a funcionar, para ver o que é a máquina pode fazer, até onde que ponto ela pode ir, se calhar a melhor qualidade que posso ter da fotografia. Isso tento tirar do manual mas, se houver alguém que me possa explicar, prefiro. Se não houver, normalmente vou ao manual para tirar essas informações.

I – Com a máquina digital também aconteceu o mesmo?

C - Com a máquina digital também, por exemplo, para ir ver as fotografias que tirava. Tirar as fotografias é fácil, usar a máquina, tiro a fotografia, mas depois para ir as fotografias que estão para trás, ou pôr a preto e branco ou modo noite. Isso tenho que ir ver tudo ao manual para saber como é que funciona.

I – Com o telemóvel também aconteceu a mesma coisa?

C – Também, também. Com o telemóvel, se calhar, mais ainda. Estava habituada aos telemóveis da Nokia e passei para um Motorola, não percebia nada do telemóvel. Só sabia marcar o número e fazer a chamada. Com este telemóvel que tenho agora, foi mesmo à base do manual que tive que aprender.

I – Muito bem. E aprender a usar o computador? Foi primeiro em casa?

C – Não. Primeiro foi na escola, porque nunca tive computador em casa, o primeiro foi com a iniciativa novas oportunidades. Nessa altura, é que adquiri um computador. Depois da escola, comecei a utilizar mais o computador quando fui trabalhar para a Câmara. Aí fui aprendendo com as colegas, mais com as colegas de serviço. Em casa, nunca tive nenhuma formação a esse nível.

I – A (nome) refere precisamente relativamente a isso, em relação a algumas aplicações eram as colegas que ajudavam. Então, de que forma é que as colegas ajudavam?

C – De que forma? À medida que eu ia tendo dúvidas, ia perguntando e elas iam-me explicando como é que havia de mexer, por exemplo, no Word, que é o mais básico, mas depois tinha que haver as formatações de texto e isso tudo foram elas que me ensinaram. Não tinha mesmo noções nenhuma em relação a isso. Com o Excel tive formação profissional. Actualmente, não mexo muito no Excel, não mexemos muito, mas se for necessário utilizar tenho um manual que me deram e posso sempre ir tirando dúvidas e tentar fazer os quadros que me são solicitados no trabalho. Não é muita vez, mas se for necessário é isso que faço.

I – Consulta o manual?

C – Nessa altura, consulto. Mas, hoje em dia, também já vou à internet pesquisar sobre legislação, por exemplo, para saber mais sobre a nova legislação dos contratos públicos e saber moradas de algumas firmas. Com os meus amigos, troco muitos e-mails sobre diversos assuntos. Às vezes, aparecem uns giros.

I – Também no âmbito do processo, validou a língua inglesa.

C – Sim.

I – Na sua autobiografia, também refere algumas viagens que tem feito. A pergunta que faço é de que forma considera que vai desenvolvendo competências na língua inglesa sempre que viaja e comunica com outros povos?

C – Como é que vou desenvolvendo?

I – E que competências?

C – Que competências? Vou desenvolvendo... (risos) Fiz uma viagem a Londres...

I – Foi uma boa oportunidade para falar Inglês?

C – Não foi uma grande oportunidade, porque ficámos em casa de um casal português, ou seja, não falámos com muita gente, mas obviamente tivemos que comprar bilhetes de comboio, comprar coisas para comer, penso que aí houve o apoio de um dicionário de bolso que ajudou a comunicar com outras pessoas e foram algumas dicas do meu namorado que me vai ajudando.

I – Então esse dicionário de bolso era consultado como? Para ver o quê? Como é que o utilizou?

C - Então, ia à palavra que não lembrava de a dizer, por exemplo ... Isto agora é um bocado básico. Sei lá, comprar qualquer coisa no supermercado, um sumo, ia consultar o dicionário de Português para Inglês para ver como é que se dizia a palavra, ou como é que se construía a frase, pedia ao meu namorado para me dar as ligações das frases porque ainda sou um bocadinho verde nos verbos ... e como na língua inglesa é tudo ao contrário, tentava mesmo com o apoio do dicionário retirar alguma coisa. Olhe, houve uma situação num bar, acho que foi na passagem do ano, eu queria pedir bebidas no bar e às vezes dizia umas coisas em Inglês e outras vezes falava em Português, mas claro que ficavam um bocado sem

perceber o que eu queria dizer. Comunicava com os meus colegas portugueses e eles tentavam esclarecer em relação às bebidas que eu queria. Basicamente é isso, Inglês é para esquecer.

I – Quando comprou um carro, um carro novo, teve uns problemas...

C – Era usado, mas comprei no concessionário, não sei se isso tem importância...

I – Da marca?

C – Da marca, sim. Tive alguns problemas e hoje estou arrependida de não ter feito...

I – Arrepende-se de...

C – De não ter feito queixa.

I – Era isso que lhe ia perguntar...

C – Posso-lhe dizer que, ao fim de um ano e qualquer coisa, de ter o carro, soube que os pneus estavam a precisar de ser trocados. O passar do tempo, um ano e meio, não era, como é que hei-de dizer, eles trocaram-me os pneus, na altura, não sei os pneus fazem quarenta mil quilómetros, ou não sei se são dois ou três anos de duração, e eu vim a perceber que aqueles pneus já eram velhos, tinham sido o refugo que eles tinham lá e tinham posto aqueles pneus. Mande uma carta registada a pedir uma recepção, acho que era com o director do concessionário e até hoje nunca tive qualquer tipo de resposta. Liguei para lá, liguei inclusive para a Peugeot Portugal, para ver se eles me tentavam orientar e eles disseram que poderia ir a um concessionário da Peugeot para serem eles a passar um relatório em como os pneus estavam mesmo secos, mas eu telefonei para lá e eles disseram-me que realmente os pneus estavam gastos e eu liguei para a Peugeot Portugal, mas eles não deram andamento à coisa. O que eu percebi foi que havia ali uma ligação e fiquei mais indignada porque liguei cinco, seis vezes para a concessionária, para marcar a tal reunião, e nunca foi marcada dia nem hora, para ir lá falar com o Director, simplesmente não me deram resposta.

I – Como é que a (nome) teve conhecimento que podia fazer uma reclamação?

C – Como é que tive conhecimento? Eu acho que já tinha conhecimento anterior, qualquer problema que a gente possa ter numa loja ou num concessionário, podemos sempre escrever num livro de reclamações. Na altura, eu era sócia da DECO, também tentei falar com a DECO. Deram-me algumas indicações para tentar falar com o concessionário e marcar a recepção com o director, mas em relação a saber que podia fazer uma reclamação, acho que já sabida anteriormente. Não sei exactamente onde, talvez nos sítios onde eu trabalhei porque tinha conhecimento que havia livro de reclamações e a pessoa é livre de reclamar pelos serviços que lhe estão a ser prestados.

I – Mal prestados, neste caso.

C – Mas, na altura, quando comprei o carro, tive problemas logo a seguir e do que me arrependo hoje é de não ter escrito no livro de reclamações. Acho que eles são obrigados a dar-nos uma resposta, fazer qualquer coisa e arrependo-me de não ter feito isso. Hoje a sensação com que fiquei é que uma próxima não vou deixar ficar em vão porque acho que eles devem melhorar os serviços. Tive o azar de ser lesada em ter uma avaria do carro e eles não me conseguem resolver o problema, acho que fiquei a pensar que

eles também podem ter alguma aprendizagem com alguma reclamação que eu possa fazer. Com outras, outras...situações talvez consigam resolver as situações, sem deixar as situações avançar porque tive que deixar de ir aquele concessionário e ir para outro porque vi que ali não tinha solução. Na altura, tinha a garantia do carro e o outro concessionário resolveu-me o problema.

I – Exactamente aquele problema?

C – O mesmo problema, quando eu fui três e quatro vezes ao concessionário de Vila Franca para eles resolverem e nunca conseguiram.

I – A (nome) teve que mobilizar os seus conhecimentos para resolver a situação: não foi por uma via ...

C – Foi por outra. Houve uma sensação que eu tive, que também não fiquei muito contente, que foi o vendedor do carro chamou o gerente do concessionário para me dizerem os dois que o meu carro não tinha problema nenhum. Quando eu ... estava mais do que visto que o carro tinha um problema e eles os dois e eu, como era a única e como eu era mulher... Não sei se isso tem influência, mas penso que sim porque, em várias situações na minha vida, já me tenho deparado com isso, de ir sozinha e não levar o pai, não levar o tio, tentam-nos sempre, um bocado, dar a volta e enganar. Ainda há pouco tempo tive uma experiência dessas, também com o carro (risos)... Só más experiências.

I – Mas de qualquer modo, em relação a essa situação a (nome) resolveu a seu favor.

C – Pois, quando as situações não são a nosso contento é que as coisas são piores. Por acaso, consegui resolver porque, quando comprei o carro, eles disseram que se tivéssemos algum tipo de problema, naquele concessionário, podíamos ir a outro representante da marca. Foi de isso que me lembrei logo, assim que começaram a arranjar mais problemas e para não perder tempo, pensei logo nisso, ir a outro concessionário ver o que posso fazer para resolver. E foi isso que fiz.

I – Em relação a essas experiências e aprendizagens que fez ao longo da vida, no que diga mais respeito a um percurso pessoal, quem foram as pessoas que considera que foram mais importantes e com quem tenha aprendido mais?

C – Aprendido mais? Penso que foram as que já referi, as minhas irmãs, a minha mãe, talvez no trabalho, acho que estou sempre a aprender, com o meu chefe, com as minhas colegas também, com os técnicos e com os meus amigos. Acho que eles me estão sempre a transmitir coisas novas, até porque tenho muitos amigos que são licenciados e os conhecimentos deles de outras áreas, ou seja, consigo ter uma percepção diferente da enfermagem porque tenho uma amiga que é enfermeira, uma socióloga, outra que é psicóloga e conseguem-nos transmitir outros conhecimentos, mas acho que mais, no início da minha vida, mãe e irmãs, agora mais com os amigos, os colegas de trabalho, com os professores (risos). Quantos anos da minha vida ... eu já nem sei os anos que eu tenho de escola, porque tenho mais do que os normais porque chumbei quatro vezes. (Risos)

I – Agora já terminou o seu percurso do secundário. (Risos) E experiências a nível pessoal que tenham sido marcantes?

C - Experiências ... (Risos) Experiências... Uma experiência profissional que me marcou bastante foi, por exemplo, trabalhar no infantário porque é difícil e nem toda a gente passa por isso, ou seja, ninguém dá o valor a uma auxiliar, a uma educadora, a uma professora. No meu caso, era auxiliar educativa e ninguém dá valor ao que é trabalhar com vinte e três crianças ao mesmo tempo, de três anos. Eu acho que é mesmo só para quem tem muito jeito e para quem tem muita paciência e consegue seguir essa carreira. Todas as profissões são importantes e todas têm as suas funções, mas lidar com crianças, trabalhar com doentes. Eu aqui, no trabalho, muitas vezes tenho de trabalhar com idosos, acho que são situações diferentes e que devemos ter outro tipo de cuidados que ... Se calhar uma pessoa de mais idade vai levar a mal uma coisa que a pessoa possa dizer ou ... não sei se me estou a fazer explicar...

I – Sim, sim, estou a perceber.

C – Mais experiências...

I – A do Bodhicitta... não sei se era assim que...

C – A associação?

I – Sim.

C – Também foi uma boa experiência que ainda durou algum tempo e acho que foi mais encarada em termos de um passatempo, uma brincadeira, embora tivéssemos responsabilidades e chegássemos a organizar festas e temos uma tasquinha, que é o que vai acontecer agora nestas festas...

I – Ainda acontece?

C – A nossa associação já acabou, agora que vão abrir as tasquinhas era a altura de nós abrimos também a nossa, já não sei se foi três ou quatro anos seguidos. A responsabilidade de ter que comprar as coisas, de saber o que fazia falta, também gerir o dinheiro porque, no dia a seguir, tínhamos que ir comprar o que faltava, bebidas ou comer. Foi uma experiência boa porque também organizámos uma feira da ladra, também vendi coisas, roupas ou coisas engraçadas, e chegámos a fazer rifas. Com objectos que nós tínhamos, chegámos a fazer rifas e foi uma experiência gira. Houve pessoas que levaram dois sacos de asas cheios de coisas (risos) porque nós vendíamos as rifas assim ao desbarato. Essa foi uma experiência muito engraçada.

I – E foi importante essa experiência para saber gerir melhor o orçamento? Porque estar na associação também implicou que a (nome) soubesse gerir o orçamento?

C – Sim, chegámos a comprar, com o dinheiro que foi feito nessa tasquinha, chegámos a comprar um DVD, não havia muito lucro, mas com o dinheiro que fizemos, chegámos a comprar um DVD para o espaço que havia da associação para depois podermos dinamizar, chegámos a passar filmes, chegámos a comprar uma mesa de matraquilhos, para quem quisesse usufruir, era mais ou menos isso. Aprendi, também foi uma das experiências que me ajudou mais um bocadinho a saber da gestão de orçamentos.

I – Essa associação era só de amigos?

C – Era, era. Aquilo eu acho que foi uma coisa um bocado superficial, não chegámos a registar a associação, nunca chegámos a fazer isso, chegámos a fazer várias reuniões, mas havia alguns

desentendimentos entre todas as pessoas que faziam parte da associação e eu acabei por ... Mas foi uma experiência engraçada. Chegámos a organizar um BTT ali no Forte. Havia inscrições para quem quisesse percorrer os caminhos que nós tínhamos aberto lá em cima no Forte.

I – Aí na associação também era preciso ter em conta alguns valores, aqueles de que nós falávamos na primeira parte: justiça, igualdade, tolerância.

C – Sim, algumas vezes havia colegas que não tinham muita tolerância, se calhar a associação acabou por não ir para a frente porque não havia muita concordância entre os colegas. E tolerância... éramos mais ou menos todos tolerantes, só que havia uma das pessoas, que eu acho que era para ser o presidente da associação, que nós entendíamos que não era a melhor pessoa para estar como presidente porque era um bocado uma pessoa de ideias fixas e não respeitava a ideia dos colegas, de quem estivesse abaixo dele ... Como o patamar máximo, como é que hei-de dizer... não estava aberto a novas sugestões, não era tolerante com as outras pessoas e não era muito justo, às vezes, nalgumas situações, acabámos por não levar a associação em frente.

I – Provavelmente aí a (nome) teve alguma dificuldade em gerir e lidar com os valores que traz, ensinados pela família, e os que estava a viver nessa associação...

C – Penso que sim, às vezes posso não ter sido muito justa, às vezes também não estava a concordar com as ideias dele. Havia colegas que não respeitavam a ideia dele e basicamente era isso... não concordavam, os eventos que queríamos programar não eram os mesmos que ele queria fazer. Não havia ali uma tolerância de ambas as partes.

I – E como é que era gerir esses conflitos todos?

C – Era acabar a reunião rapidamente. Assim que entrávamos, começava-se a falar de assuntos que não agradavam a toda a gente... Também havia uma coisa que não era favorável é que o espaço da associação era só uma sala, onde havia uma mesa onde nós reuníamos, e depois havia o DVD e os matraquilhos e as pessoas começavam-se a dispersar. Acho que aquilo nunca foi muito levado a sério. O presidente era a pessoa que levava aquilo mais a sério e queria que se fosse registar a associação e fez força para isso acontecer. Depois havia o outro lado, havia a nossa vida pessoal, as coisas que nós tínhamos marcadas e, muitas vezes, não queríamos abdicar disso para nos dedicarmos a essa associação.

I – Agora vamos passar para a vida profissional. O primeiro emprego...

C – O primeiro emprego foi numa fábrica e foi nas férias da escola. Já não me recordo bem, mas deve ter sido depois do décimo ano, o meu primeiro décimo, tinha dezasseis anos, já podia trabalhar. Comecei à procura de trabalho nas empresas de trabalho temporário porque era mais fácil; normalmente, na altura das férias, precisavam bastante e eu optei pelas fábricas porque davam uma remuneração melhor e era de segunda a sexta. A primeira fábrica em que trabalhei foi a Chipita, que era de croissants, trabalhei na Dancake e na Olá, na Matutano, sempre nas férias. Trabalhava o mês de Julho e em Agosto ia gastar o dinheiro que tinha gasto. (Risos)

I – Ao ir para esse primeiro emprego, quem é que esteve ao seu lado a explicar o que tinha de fazer e quem é que lhe ensinou?

C – Já não me recordo muito bem, mas penso que foram as colegas. O primeiro impacto se calhar foi a chefia que tentou integrar-me no grupo e depois foi uma colega a explicar como é que se fazia o trabalho porque normalmente era embalar os produtos nas caixas de papelão. Era isso que fazia. Foram basicamente as colegas que já lá trabalhavam.

I – A experiência foi enriquecedora? A esta distância que reflexão faz?

C – Penso que é sempre enriquecedora. Foi uma tarefa que eu fiz. Se calhar hoje em dia se precisar de arrumar alguma coisa dentro de uma caixa, com a experiência que adquiri, já vou conseguir arrumar as coisas de uma forma diferente de uma pessoa que não tem experiência nenhuma.

I – Aí o profissional ajudou o pessoal?

C – Foi uma experiência do profissional que passa para o pessoal.

I – Agora mais recentemente a (nome) está na câmara. Continua a exercer as mesmas funções?

C – Sim, estou no mesmo departamento.

I – Em relação ao uso do computador já falámos um bocadinho, a relação com os colegas também é boa... Também já disse que aprende muito com os colegas... Fez uns apontamentos foi?

C – É em relação à câmara?

I – As experiências profissionais que têm a ver com a câmara...

C – Inicialmente, entrei para a câmara para a limpeza. O que eu posso dizer que aprendi, quando trabalhei na limpeza, foi a utilização de produtos de higiene, os tóxicos e não tóxicos, se calhar aprendi a fazer a reciclagem. Tentava eu fazer a reciclagem de todos os produtos ou papéis e, seja aquilo que for, tentava fazer a reciclagem. O que aprendi? (pensa). Aprendi a limpar melhor. Com o passar do tempo, fui aprendendo novas técnicas, como é que hei-de dizer? Se calhar a utilização...a conhecer novos produtos e novos panos para ficar uma limpeza melhor. Fui um bocado contrariada. Mas acho que foi uma boa experiência porque aprendi que não se deve ter vergonha desse tipo de situações. Sempre fui um bocado preconceituosa a esse nível porque a minha mãe trabalha na limpeza. Sempre tentei esconder essas coisas dos amigos e tinha um bocado de vergonha. Nessa altura, acho que foi, não sei se acredito em castigos... a minha mãe dizia-me que foi para dar o valor e, às vezes, temos de começar de baixo para chegar a outros patamares. Isso aconteceu-me. Nunca pensei vir a ... nunca idealizei vir a trabalhar num escritório. Era a última coisa que eu queria fazer e é o que eu faço hoje. Acho que trabalhar na limpeza foi importante, fez-me crescer um bocado e vi que essas pessoas que trabalham na limpeza têm tanto valor como uma escriturária, todas as profissões. Todos somos importantes, todos temos as nossas funções, são todas diferentes, mas todas importantes.

I – Aprendizagens de agora?

C – Em relação ao que faço agora?

I – Sim.

C - Aprendizagens mais importantes?

I – Ou então experiências que tenham sido mais significativas?...

C – Aprendi, por exemplo, uma das coisas que eu tinha colocado aqui... Eu, normalmente, sou eu que faço de estafeta de serviço. Há coisas que eu tenho que levar a Lisboa, e eu há uns anos atrás não sabia andar em Lisboa. Agora consulto a internet, tiro o mapa do sítio onde tenho de levar as coisas e tenho-me desenrascado super bem. É uma competência que eu adquiri depois de trabalhar na câmara. Achava-me um bocado incapaz de fazer esse tipo de tarefas. Ainda hoje, fui a Lisboa, acho que foi a primeira vez que fui à [avenida] cinco de outubro, e tentei desenrascar-me, aliás uma das coisas que aprendi na câmara é que eu sou bastante desenrascada e acho que não era ou não dava bem o valor. Mais...

I – Essa consciência que começou a ter de si deu-lhe mais auto-estima?

C – Sim, deu porque também ao nível da chefia, também acho que é uma pessoa justa e consegue, por exemplo, podemos falar das notas, a minha avaliação sempre foi boa, desde que comecei na câmara até agora. No ano que passou tive um excelente. Isso só prova que tenho-me valorizado de alguma forma. Também podia ser, como hoje se ouve dizer que há muito a cunha ou há pessoas que se deixam influenciar por gostar da pessoa. O meu chefe sinto que é uma pessoa justa e que nos avalia porque aquilo que nós somos e pelo trabalho que fazemos. Posso dizer mesmo que dentro da câmara... como foram reconhecendo as minhas capacidades, a minha auto-estima tem melhorado bastante desde aí. Aprendi que tenho capacidades para muita coisa e o RVCC também me deu algumas aprendizagens na escrita. Por exemplo, se fosse escrever um texto se calhar tinha outra vez muitas dificuldades porque nunca mais pratiquei a escrita, mas inicialmente quando comecei o RVCC acho que não escrevia mais do que quatro linhas seguidas e, com o passar do tempo, comecei a escrever uma página seguida. Nunca pensei que fosse capaz de fazer isso. O RVCC trouxe-me isso e mais a ideia de que era capaz. A sério.

I – Só questões positivas. E então no que diz respeito a comunicar?

C – Comunicar?

I – Sim, no dia-a-dia.

C – Acho que sou uma pessoa comunicativa. Às vezes tenho dificuldade em transmitir as ideias que tenho, por exemplo, agora nesta entrevista estou com alguma dificuldade em transmitir... Eu acho que tinha tanta coisa para dizer, mas não consigo transmitir. Não sei como é que eu consigo aperfeiçoar... Por exemplo, esta entrevista, não tenho muito jeito para este tipo de entrevista porque não consigo desenvolver os temas conforme gostava que fosse. Já não sei onde ia...

I – Estávamos a falar de comunicação.

C – Acho que a comunicação não é o meu forte.

I – A certa altura, há uma experiência que tem a ver com a realização dos inquéritos.

C - sim, há.

I – Então, o que é que acha que aprendeu, como é que afinal acabou por ser essa experiência da realização dos inquéritos?

C – Se calhar, partiu muito de ter que comunicar. Não me recordo das idades, mas acho que eram miúdos, já não me recordo. Foi fácil comunicar com eles porque eu tinha um inquérito. Foi só basicamente fazer as perguntas e assinalar as respostas. A comunicação, acho que foi fácil. Tive de comunicar e explicar o que era necessário nesses inquéritos que fiz.

I – Foi uma experiência que no dia-a-dia se revelou útil?

C – Já lá vão uns aninhos. Essa é outra das coisas que me aborrece um bocado, é eu perder muito rapidamente as memórias. Esqueço-me das coisas. Tenho uma colega que brinca comigo porque lembra-se de coisas dos meus sobrinhos que eu não me lembro. Em relação aos inquéritos, o que é que eu posso ter aprendido? Ah! O que eu posso dizer é que tive conhecimento de muitos pavilhões que o concelho tem, adquiri conhecimentos, adquiri informações de inquéritos que fiz a outras pessoas, das actividades que existem no concelho, de festas. Fiquei a conhecer melhor o concelho

I – Às vezes nem é imediato e com o decorrer dos anos é que verificamos que terá sido uma experiência interessante.

C – Foi interessante, foi mais experiência, mas não foi durante muito tempo. É tão difícil...

E – Está bem, (nome) risos, as ideias vão surgindo, acontece assim, depois é que nos lembramos que podia ter dito isto ou aquilo...

C - (risos)

I – (nome), quero agradecer muito. Depois de ter sido eu a fazer as perguntas, quero saber se quer dizer mais alguma coisa; como até fez trabalho de casa...

C – Não fiz, tinha tópicos só. Como falou das experiências adquiridas ao longo da vida, da parte familiar, do social, até fui à net pesquisar, porque nem me lembrava muito bem e depois fiz o percurso profissional e dos sítios onde eu trabalhei e fiz algumas aprendizagens. Não sei se quer que eu diga alguma coisa em relação a isto.

I – Sim, em relação a alguns aspectos que não focou enquanto estivemos a conversar...

C – Tenho que ver o que não foquei. O respeito pelo próximo...

I – Isso tem a ver com questões de cidadania...

C – Exactamente.

I – O que é que ia dizer a propósito disso?

C – O que eu aprendi com a minha família foi e depois meti alguns tópicos: respeitar o próximo, aceitar algumas etnias, que foi já o que eu falei...

I – Está a ver? Aprender com a família foi ao encontro daquilo que eu lhe perguntei.

C – Sim, exactamente. Coisas novas... (consulta o papel). Agora em relação ao familiar, não sei se é relevante falar nisto, mas em relação à minha família também me transmitiram uma coisa que é menos boa: eu sou uma pessoa muito negativa e isso acho que isso em foi transmitido pela família. Também para não serem só aprendizagens, coisas boas, também sei dizer que a minha família me transmitiu... Não

tenho bem a noção, porque acho que a minha mãe é uma pessoa muito negativa, lido com ela todos os dias, desde pequena e acabei por ser um bocadinho como ela

I – Influenciou-a?

C – Sim, hoje tento reagir de outras formas. Como eu estava há pouco a dizer, a minha colega, a psicóloga, tenta, às vezes, transmitir-me ideias diferentes de como é que eu hei-de agir ou hei-de alterar este tipo de sentimentos que às vezes se apoderam de mim. Antes de eu pensar nelas, já saltam. O que é que posso dizer mais? Por exemplo, na charcutaria também aprendi a lidar com todo o tipo de pessoas, o que é difícil porque cada um tem o seu feitio. Quando entrei, as pessoas não gostavam de ser atendidas por mim porque já estavam habituadas ser atendidas por outras colegas. Então, foi o tentar conquistar essas pessoas pelo meu trabalho, pela minha forma de estar e de ser. Foi engraçado porque acabei por aprender a conhecer outros produtos e técnicas de conservação de alimentos. Acabei por passar essa fase de manusear algumas máquinas, o que nunca tinha feito. Também trabalhei numa loja de roupa; foi uma das fases de gerir o dinheiro porque era eu que tomava conta da caixa e tinha de apresentar as contas ao fim do dia aos patrões, porque eles nem sempre estavam lá. A organização da loja também era eu que fazia porque tinha que organizar as coisas por tamanhos e...

I – Estava sozinha?

C – Estava sozinha na loja. Tinha uma gerente que ia lá de vez em quando dar umas orientações até porque nunca tinha tido esse trabalho. Basicamente também fui aprendendo muito sozinha. Também utilizei a máquina registadora porque nunca tinha utilizado. Por exemplo, na câmara, aprendi muito a organização do arquivo, para uma melhor consulta. Isso também aprendi lá com uma colega que fez um curso. Quando entrei para a câmara, para além de fazer os trabalhos de limpeza, depois ajudava muito as colegas noutros serviços. Essa colega explicou-me muita coisa em relação ao arquivo, ensinou-me muita coisa. Hoje, faço essas tarefas sozinha. A organização de documentos...

I – Essa aprendizagem com a colega foi bastante útil?

C – Sim, por exemplo, o atendimento telefónico tem de ser cuidado. E acho que é só.

I – Mais uma vez obrigada. Agora preciso de confirmar o e-mail consigo para lhe enviar a transcrição da entrevista. Ainda é o mesmo?

C – Sim, é igual.

I – Então, continuo a tê-lo nos contactos. Agradeço muito.